

2

A sexualidade feminina e a importância do pai em Lacan

O essencial é que a mãe funde o pai como mediador daquilo que está para além da lei dela e de seu capricho, ou seja, pura e simplesmente, a lei como tal (Lacan, 1957-58, p. 12).

No capítulo anterior, a partir do percurso que fizemos na obra freudiana, foi possível destacar a importância conferida ao falo para a sexualidade feminina. Nossa intenção agora será mostrar como, num momento da teoria lacaniana que é conhecido como primeiro ensino de Lacan¹, essa mesma questão é tratada a partir da formalização do complexo de Édipo.

Consideramos fundamental chamar a atenção para essa escansão no ensino de Lacan pois, há mudanças significativas no modo como a feminilidade é tratada ao longo de sua obra. Os *Seminários 4 e 5*, que estaremos trabalhando neste capítulo, fazem parte do que o próprio Lacan denominou de “um retorno a Freud”. No *Seminário 10*, ele inicia a construção do conceito de objeto *a*. Consideramos que a partir daí começa a haver uma relativização do falo em prol do objeto *a*, o que vai trazer uma mudança importante para o tratamento da feminilidade. Por último, no *Seminário 20*, Lacan vai começar a falar da mulher como não-toda referida à ordem fálica, o que, de fato, constitui uma mudança no paradigma freudiano sobre a importância do falo para a mulher.

Com relação ao “retorno de Lacan a Freud”, o que podemos observar de mais significativo é o papel conferido à figura do pai. Isso não implica em dizer que tal figura não ocupava um lugar proeminente na obra freudiana mas, nos textos que tratam especificamente da sexualidade feminina (1931 e 1932 [1933]),

¹ Para a escansão do ensino de Lacan ver Miller, J., *O último ensino de Lacan*, janeiro de 2003.

o que sobressai é a importância da inveja do pênis para a mulher. Como coloca Utchitel, “mais do que o próprio Édipo, a posição frente à castração” (Utchitel, 1996, p. 43) marcou os destinos da sexualidade feminina em Freud. A figura do pai nesse contexto não é tão prevalecte e por vezes chega a ficar até em segundo plano.

Até 1924 Freud trabalhou com a equivalência entre o Édipo de meninos e meninas. Foi só em 1925 que ele passou a considerar as consequências da relação primordial da menina com a mãe. A partir daí, essa relação passa a ocupar um lugar de destaque nas elaborações de Freud sobre a sexualidade feminina. A fase pré-edipiana ganha tanta importância, que Freud chega a afirmar que a mulher a leva consigo para os seus futuros relacionamentos amorosos com os homens (Freud, 1976 [1932-1933], p. 163). Isso não quer dizer que Freud tenha mudado sua posição quanto à importância conferida ao pai no complexo de Édipo. O direcionamento ao pai continua sendo a porta de entrada da menina no Édipo, além de ser a saída para a inveja do pênis, entretanto, a entrada do pai nesse momento fica quase que à sombra do desejo de possuir o pênis através do filho, como nos mostra essa passagem de Freud:

Com muita frequência, em seu quadro combinado de ‘um bebê de seu pai’, a ênfase é colocada no bebê, e *o pai fica em segundo plano*. Assim, o antigo desejo masculino de posse de um pênis ainda está ligeiramente visível na feminilidade alcançada desse modo. Talvez devêssemos identificar esse desejo do pênis como sendo, *par excellence*, um desejo feminino (Grifo nosso. Freud, [1932-1933], p. 158)

Na verdade, a primazia do falo e a primazia da função paterna fazem parte da mesma lógica. Ao pai é conferida importância porque é ele o detentor do falo. Deste modo, não é nossa intenção fazer uma dicotomia equivocada Freud/ênfase no falo X Lacan/ênfase na função paterna. Como já dissemos anteriormente, o momento da teoria lacaniana que estaremos tratando neste capítulo, trata-se de um retorno que Lacan fez à teoria freudiana. Não há propriamente algo de novo a ser acrescentado ao que já tinha sido colocado por Freud sobre a sexualidade feminina. A novidade que nos traz Lacan, neste

momento, diz respeito à formalização que ele faz do Édipo a partir do estruturalismo.

Lacan é claro quanto ao que pretende desenvolver no *Seminário 4*: “A afirmação paradoxal do falicismo é o próprio pivô em torno do qual a interpretação teórica deve se desenvolver. Isso é o que vamos tentar fazer” (Lacan, 1995 [1956-57], p. 98). O tema deste *Seminário* é a relação de objeto, e o falo é aí destacado como o objeto privilegiado nas relações humanas.

Mesmo sem ir ao núcleo da problemática do falicismo que introduzo hoje, pode-se perceber porque este é um ponto realmente saliente da experiência analítica, que toda a dialética do desenvolvimento individual, como também toda a dialética de uma análise, gira em torno de um objeto principal que é o falo (Lacan, 1995 [1956-57], p.30).

Já no *Seminário 5*, ele abordará a questão da assunção dos tipos sexuais a partir do Édipo, e irá destacar a importância do pai neste processo. De todo modo, o que fica claro, tanto no percurso que fizemos da obra freudiana, quanto no que faremos agora do primeiro ensino de Lacan, é que há, no que diz respeito à abordagem da feminilidade, uma certa negativização desta. A partir da lógica fálica, o feminino é sempre o que está aquém do falo. A mulher encontra-se aí sempre em desvantagem porque não o possui.

É só a partir do *Seminário 10* que Lacan começa a fazer o que entendemos ser uma positivação do feminino. A partir da construção do conceito de objeto *a* e da diferenciação entre o complexo de castração e a castração estrutural, ele vai valorizar cada vez mais a relação da mulher com o desejo, chegando a colocar que, comparativamente, ela se sai melhor que o homem neste ponto.

Mas, apesar de tudo, esta questão do desejo a simplifica muito pra ela; não para nós, em presença do desejo delas. Mas, enfim, ao interessar-se pelo objeto como objeto de nosso desejo, isto lhe traz muito menos complicações (Lacan, 1997-1998 [1962-63], p. 222).

Passemos agora ao que nos diz Lacan no *Seminário 4*. Aí um dos modos privilegiados de abordagem do falo é a relação mãe-criança. A importância do falo reside, justamente, no fato de ser o objeto do desejo da mãe. Até então, nenhuma novidade em relação a Freud: o que toda mulher deseja com a maternidade é ganhar do pai – e, por substituição deste, de outro homem – um filho em lugar do falo que a mãe não lhe deu.

Existe sempre na mãe, ao lado da criança, a exigência do falo, que a criança simboliza ou realiza mais ou menos (Lacan, 1995, [1956-57], p.56).

Freud nos diz que a mulher tem, dentre as suas faltas de objeto essenciais, o falo, e que isso está estreitamente ligado à sua relação com a criança. Por uma simples razão – se a mulher encontra na criança uma satisfação é, muito precisamente, na medida em que encontra nesta algo que atenua, mais ou menos bem, sua *necessidade de falo*, algo que o satura. Não considerando isso, desconhecemos não somente o ensino de Freud, mas também os fenômenos que se manifestam a todo instante na experiência (Grifo nosso. *Ibid.*, p.71).

Lacan faz menção ao relevo conferido ao falo no ensino de Freud e ressalta que é este o caminho para tratarmos da relação mãe-criança. Pelo lado da mãe, é só na medida em que representa o falo, que a criança realmente adquire seu valor. É enquanto falo que a criança é tomada como objeto de investimento. Por isso é tão importante para a criança, num primeiro momento da sua relação com o Outro, ser o falo para a mãe. É a partir daí que é extraído o investimento libidinal de tal relação, afinal, foi com esta finalidade que a mulher tornou-se mãe.

Do ponto de vista da criança, o falo entra na dialética das trocas com a mãe como um dom de amor que esta pode ou não conceder-lhe. Se a mãe dá o falo, é porque ama a criança, se não o dá é porque não a ama. E por isso Freud insiste que o falo não tem o mesmo valor para aquele que possui o seu suporte real e para aquele que não o possui.

Freud nos diz que no mundo dos objetos, existe um cuja função é paradoxalmente decisiva, a saber, o falo. (...) Esse falo tem um papel tão decisivo que a sua nostalgia, tanto quanto a sua presença ou sua instância no imaginário, parecem ser ainda mais importantes para os membros da

humanidade a quem falta o correlato real, a saber, as mulheres, do que para aqueles que podem se assegurar de possuir sua realidade. (...) Aí está uma premissa para nós. Consideremos a partir daí, nossa mãe e nossa criança (Lacan, 1995, [1956-57], p.70).

Verifica-se, em contrapartida, que a fantasia do falo, no nível genital, assume seu valor no interior da simbólica do dom. Freud insiste nesse ponto: o falo não tem, por uma boa razão, o mesmo valor para aquele que possui realmente o falo, isto é, a criança masculina, e para a criança que não o possui, isto é, a criança feminina (*Ibid.*, p.124-125).

Deste modo, então, a menina carrega consigo esta ferida: a mãe não lhe deu o falo porque não a amava o suficiente. A falta de pênis é vivida como um dano narcísico, como uma falta de amor e leva a mulher a cair no campo das reivindicações. O objeto em questão é exigido como lhe pertencendo por direito e, no entanto, não existe a menor possibilidade de satisfação nesse sentido. Tais reivindicações ficam, deste modo, remetidas ao “domínio das exigências desenfreadas e sem lei” (Lacan, 1995 [1956-57], p.36).

A menina vai viver a ausência do falo sob a forma de frustração (Dor, 1989, p. 83), é este conceito que Lacan trabalha nesse momento. A frustração consiste num dano, numa lesão, num prejuízo que é sempre da ordem do imaginário. Estamos no domínio, por excelência, das reivindicações imaginárias. Não se trata de reivindicar o objeto em si, mas um objeto que é o signo do amor do outro. “A frustração incide sobre algo de que vocês são privados por alguém de quem poderiam, justamente, esperar o que lhe pediam” (Lacan, 1995 [1956-57], p.101). O objeto em questão entra no campo das pertinências narcísicas do sujeito e é, justamente, por não possuir esse objeto, que a menina entra na dialética das trocas simbólicas.

O dom do falo é a condição para que o sujeito entre na ordem simbólica e isso porque, a partir da teoria fálica, é ao falo que visa o desejo. Isso quer dizer que é ele que vai conferir o valor aos demais objetos, funcionando como a medida de todas as coisas.

É por razões inscritas na ordem simbólica, transcendendo o desenvolvimento individual, que o fato de ter ou não ter o falo imaginário e simbolizado assume a importância econômica que tem no nível do Édipo (Lacan, 1995, [1956-57], p. 195).

A experiência nos mostra que o significado que o falo assume para o sujeito ocupa um papel preponderante, que é o de objeto universal (Lacan, 1999 [1957-58] p.207).

A função constitutiva do falo, na dialética da introdução do sujeito na sua existência pura e simples e em sua posição sexual, é impossível de deduzir, se não fizermos dele o significante fundamental pelo qual o desejo do sujeito tem que se fazer reconhecer como tal, quer se trate do homem, quer se trate da mulher. (...) Isso não é uma coisa deduzida. É dado pela experiência analítica. É o essencial da descoberta de Freud (*Ibid.* p.285).

O falo, enquanto o símbolo do que é compartilhado socialmente, dele a mulher também participa, na medida em que fala, na medida em que está incluída nas trocas simbólicas. Não é possível pensar em sujeito falante sem uma referência ao falo. Entretanto, a mulher entra nesse circuito de trocas portando o sinal de menos, pois, apesar de possuir o falo simbólico, a mulher não possui seu suporte imaginário, o pênis.

O que ela não tem, o que quer dizer isso? Já estamos, aqui, no nível em que um elemento imaginário entra numa dialética simbólica. Ora, numa dialética simbólica o que não se tem é tão existente quanto o resto. Simplesmente é marcado pelo sinal de menos. Ela entra, portanto, com este menos, como o menino entra com o mais. Resta que é necessário haver alguma coisa para se poder colocar mais ou menos, presença ou ausência. O que está em questão aí é o falo. Aí está, nos diz Freud, qual a mola de entrada da menina no Édipo (Lacan, 1995 [1956-57], p.125).

É desta forma que a mulher entra na cadeia das trocas simbólicas, com um menos. É devido a isso, justamente, que ela entra no Édipo, pois sabe que é desta forma que irá encontrar o falo que deseja. Assim torna-se possível a identificação à sua posição sexual.

Tomando como base o estruturalismo de Claude Lévi-Strauss, Lacan vai tratar das trocas simbólicas a partir dos laços de aliança, onde o que é trocado são as mulheres. Os homens recebem uma mulher e ficam devendo uma filha.

Como explica Claude Lévi-Strauss em *As estruturas elementares do parentesco*, a troca de laços de aliança consiste no seguinte: *Eu recebi uma mulher e devo uma filha*. Só que isso – que é o princípio da troca e da lei – faz da mulher um puro e simples objeto de troca, ela não é integrada por nada ali (Lacan, 1995 [1956-57] p. 146).

A mulher não comparece nas trocas entre as tribos como sujeito, além disso, se não tiver a esperança de receber o falo do pai na forma de um filho, ela ficará, de fato, como puro objeto de troca. É desta maneira que ela é introduzida no Édipo, para sair do lugar de objeto e poder participar das trocas simbólicas recebendo, do pai, o falo e depois devolvendo-o na forma de um filho.

Segundo Lacan, é justificado o androcentrismo que marca as estruturas elementares de parentesco pois, um sistema de trocas baseado na linhagem masculina é mais simbólico do que um fundado numa linhagem feminina. Isto se explica porque a ascendência paterna é mais improvável que a materna, que está muito próxima da natureza, muito colada numa literalidade. Quer dizer que é justamente por ser mais improvável que a linhagem masculina é mais simbólica que a linhagem feminina. É necessário que algo da relação natural seja amputado, sacrificado para que se torne um elemento significante, um elemento da dialética simbólica.

Isto é um fato, as mulheres são trocadas como objetos entre as linhagens masculinas. Entram nelas através de uma troca, a do falo que elas recebem simbolicamente, em troca do que elas dão essa criança que assume, para elas, função de *Ersatz*, de substituto, de equivalente do falo, e pelo que elas introduzem na genealogia simbólica patrocêntrica, em si mesma estéril, a fecundidade natural (Lacan, 1995 [1956-57], p.156).

É dessa maneira que as mulheres entram na cadeia da troca simbólica, por estarem apegadas ao falo, na medida em que ele é um objeto que se submeteu à valorização simbólica. É a partir daí que elas tomam seu valor, dando na forma de um filho o falo que receberam.

Lacan vai ressaltar a importância da simbolização de uma relação que está por demais próxima da natureza, por exemplo, no amor, é a mulher quem recebe muito mais do que dá. Se é dito que é ela quem se dá, e não o homem, é justamente porque diante de uma situação por demais captadora do ponto de vista imaginário, é necessária uma inversão na ordem simbólica. É por isso que deve ser assim simbolicamente, ou seja, que ela deve dar aquilo que recebe. No plano simbólico é ela quem dá, quando, na verdade, é ela quem recebe. Há uma inversão para que a mulher possa quitar sua dívida simbólica.

Passemos, então, a tratar do complexo de Édipo da menina. Afinal, o que está em jogo aí? Trata-se de conseguir, através do pai, o tão almejado falo. O pai é instituído como o pivô do drama edípico, pois é ele que traz uma “solução”, tanto para meninos quanto para meninas, diante da castração. Lacan faz um resgate da importância do pai para a teoria freudiana procurando encontrar a centralização da dinâmica subjetiva na figura paterna.

O pai, sua existência no plano simbólico, no significante pai, com tudo o que este termo comporta de profundamente problemático, como foi que tal função veio ao centro da organização simbólica? (Lacan, 1995 [1956-57], p.204-205).

Esta pergunta é fundamental para a orientação de nossa pesquisa. Esse questionamento de Lacan pode ser interpretado à luz de um corte histórico, ou seja, se é possível perguntar como foi que o significante pai veio para o centro da organização simbólica, é porque se pode supor que ele não tem que estar sempre aí. Como o próprio Lacan nos diz mais adiante, o mito do pai de *Totem e tabu* é um mito moderno, ou seja, é datado, a importância do pai não se trata de uma “necessidade” a-histórica.

E é nesse sentido que julgamos legítimo fazer uma interpretação histórica do mito de *Totem e tabu*. É possível, então, dividi-lo em dois momentos cujos paralelos históricos seriam o feudalismo e o início da modernidade (Azeredo, 2003). Num primeiro tempo existe o pai não castrado e vivo, tal como os suseranos, os senhores feudais e as autoridades religiosas. Aqueles que não estavam submetidos à lei existiam de fato no seio da organização social feudal. Num segundo momento, temos este lugar de insubmissão à lei sendo ocupado por um morto. A este período corresponde o surgimento da modernidade, com a Declaração dos Direitos Universais do Homem e sua máxima de que todos nascem livres e iguais.

Hoje, então, é possível perceber que Freud precisou construir o mito do pai da horda para dar conta de um lugar de exceção que naquela época era ocupado pelo pai de família. A passagem do feudalismo para a modernidade opera a transformação do pai vivo em pai morto. O único lugar que ainda comporta uma organização hierárquica legítima é a família patriarcal. No capítulo 3, veremos como se deu a passagem à qual estamos nos referindo.

Apesar de, na modernidade, o lugar de insubmissão à lei só poder ser ocupado por um morto – uma vez que “todos nascem livres e iguais” - , ele ainda se fazia necessário do ponto de vista lógico – a regra de que todos são submetidos à lei foi sustentada pela existência lógica de “ao menos um” que não está. O mito do pai da horda serve, então, para dar conta desse pai hierarquicamente superior aos demais membros da família.

(...) *Totem e tabu*, que nada mais é que um mito moderno, um mito construído para explicar o que permanecia em hiância em sua [de Freud] doutrina, a saber: *Onde está o pai?* (Lacan, 1995 [1956-57], p.215).

Totem e tabu é feito para nos dizer que, para que os pais subsistam, é preciso que o verdadeiro pai, o pai singular, o pai único, esteja antes do surgimento da história, e que seja o pai morto (*Ibid.*).

Este pai mítico mostra ao que Freud visava na noção de pai (*Ibid.*).

A teoria freudiana do complexo de Édipo e a lacaniana do Nome-do-Pai são fundadas, então, a partir deste lugar central da figura paterna, que é, por sua vez, o detentor do falo. É este o objeto em torno do qual gira a metáfora paterna, ele é a “pedra angular” (Dor, 1989, p. 71) do drama edípico. Por isso, mais uma vez chamamos a atenção para o fato de que a lógica fálica e a lógica edípica são uma só.

A teoria do complexo de Édipo ocupa uma função capital na economia psíquica do sujeito. Além de determinar suas relações com a realidade e com a internalização da lei, o Édipo é também o responsável pela normalização da assunção dos tipos sexuais. Essa normalização se dá na medida em que a menina e o menino se posicionam de maneira correta em relação ao pai.

Portanto, não basta que o sujeito, depois do Édipo, alcance a heterossexualidade, é preciso que o sujeito, moça ou rapaz, chegue a ela de forma tal que se situe corretamente em referência à função do pai. Aí está o centro de toda a problemática do Édipo (Lacan, 1995 [1956-57], p.206).

O complexo de Édipo tem uma função normativa, não simplesmente na estrutura moral do sujeito, nem em suas relações com a realidade, mas quanto à assunção de seu sexo o que, como vocês sabem, sempre persiste na análise, dentro de uma certa ambigüidade (Lacan, 1999 [1957-58], p. 170-171).

A função do pai para a menina é a de detentor do falo que a mãe não lhe deu, e é a partir daí que ela se dirige a ele. Desta forma ela já está suficientemente introduzida no Édipo. Existe, daí em diante, fixação no pai como portador do falo, como aquele que pode dar realmente a criança, e isso já consiste no bastante para a menina. Já se pode dizer, a partir de então, que o caminho para a posição heterossexual típica está aberto.

A partir daí só é preciso que ela tenha um pouco de paciência para que o pai venha enfim ser substituído por aquele que irá preencher exatamente o mesmo papel, o papel do pai, dando-lhe, efetivamente, uma criança (Lacan, 1995 [1956-57], p. 207).

No *Seminário 5* Lacan vai fazer uma formalização dos personagens do drama edípico, tratando-os do ponto de vista estrutural. Eles deixam de estar referidos à pessoa do pai ou da mãe e passam ser trabalhados enquanto função. Principalmente a função paterna receberá uma atenção especial na teorização lacaniana neste momento. É isso o que nos interessa.

Lacan insiste em redefinir o complexo de Édipo em termos estruturalistas para evitar, desta forma, equívocos que ele chama de caracteriológicos, ambientalistas ou sociológicos. Lacan critica os rumos que tomou a psicanálise pós-freudiana chamando a atenção para a importância da palavra do pai junto à mãe, muito mais que a sua fraqueza ou força enquanto personagem real. Tudo isso, no entanto, para reafirmar a posição freudiana a respeito da importância central do falo e do pai no complexo de Édipo e, conseqüentemente, na sexualidade feminina.

Creio que o erro de orientação é este: confundem-se duas coisas que estão relacionadas, mas que não se confundem – o pai como normativo e o pai como normal. (...) a questão de sua [do pai] carência na família não se confunde com uma definição exata de seu papel normatizador. Falar de sua carência na família não é falar de sua carência no complexo. De fato, para falar de sua carência no complexo, é preciso introduzir uma outra dimensão que não a dimensão realista, definida pelo modo caracteriológico, biográfico ou outro de sua presença na família (Lacan, 1999 [1957-58], p.174).

Lacan, com a noção de função paterna, tenta separar duas coisas que se parecem mas, que não se confundem: o pai normal e o pai normalizador. O pai normal diz respeito à estrutura psíquica deste, se ele é neurótico ou psicótico. Já o pai normalizador tem a ver com a posição do pai no complexo, mais especificamente, diz respeito à eficácia da palavra do pai junto à mãe. É aí que o pai se liga à proibição do incesto, interditando o filho à mãe. Mas, para que isso aconteça, é necessário que a palavra do pai tenha efeito junto à mãe, é necessário que esta esteja referida à função paterna. É por isso que Lacan vai dizer que o pai interdita a criança à mãe.

Essa mensagem não é simplesmente o *Não te deitarás com a tua mãe*, já nessa época dirigido à criança, mas um *Não reintegrarás teu produto*, que é endereçado à mãe. Assim, são todas as conhecidas formas do chamado instinto

materno que deparam aqui com um obstáculo. Com efeito, a forma primitiva do instinto materno manifesta-se pela reintegração oral daquilo que saiu por outro lado (Lacan, 1999 [1957-58], p. 209-210).

É na medida em que intervém a proibição paterna, que a criança não se torna puro objeto do desejo da mãe. A castração exerce aí o seu papel, vinculada à lei do pai. O pai intervém efetivamente junto à mãe privando-a de seu objeto de desejo que é o filho. Ao mesmo tempo em que a criança sai da posição de falo da mãe, ela dá o primeiro passo em direção à assunção de sua posição sexual, pois, é só através da castração materna que a criança pode assumir para si a castração, e é só a partir da castração que podemos falar em diferença sexual. É necessário, portanto, que a mãe compareça enquanto castrada, enquanto faltosa, ou seja, que porte a lei paterna, para que esta possa ser transmitida ao filho. “A criança é confrontada com a lei na medida em que descobre que a própria mãe depende dela” (Dor, 1989, p.85). Segundo Julien, a interpretação estrutural do mito freudiano de *Totem e tabu* (1913) é a de que “o pai só existe na fala da mãe” (Julien, 1999, p. 35).

A menina vai se dar conta de que a mãe, sendo castrada, não lhe dará o falo, e então se dirige ao pai assumindo sua posição feminina. O menino ficará diante da ameaça de castração e, para preservar seu órgão, abrirá mão da mãe e se identificará com o pai.

Sabemos, no entanto, que é dele [do complexo de castração] que dependem dois fatos: que, de um lado, o menino se transforme em homem, e de outro, a menina se transforme em mulher. Em ambos os casos, a questão do ter ou não ter é regida – mesmo naquele que, no fim, tem o direito de tê-lo, ou seja, o varão – por intermédio do complexo de castração (Lacan, 1999 [1957-58], p.192).

As figuras envolvidas neste processo, entretanto, não são apresentadas enquanto personagens reais e sim enquanto funções, enquanto lugares numa estrutura. A partir da formalização do Édipo, Lacan pretende reconduzir a discussão em que estavam envolvidos os psicanalistas pós-freudianos com relação à figura do pai. Falava-se muito nesta época em carência do pai, se o pai estava presente ou ausente, se era rígido ou permissivo demais, enfim, é a partir daí que

Lacan irá criticar as teorias pós-freudianas. Ele diz que o importante não é saber se a pessoa do pai se faz mais ou menos presente e sim como o sujeito se situa frente à palavra do pai. Para dar conta desta questão ele vai criar o conceito de Nome-do-Pai. Esta formulação de Lacan parece ser o paroxismo de uma posição estruturalista onde, numa primeira leitura, somos levados a pensar que não importa como nem por quem as funções são exercidas. Porém, mesmo nesta época, é possível encontrar passagens onde Lacan fala da importância da presença efetiva do pai.

Vocês sempre constatarão, na experiência, que o sujeito posicionou-se de uma certa maneira, num momento de sua infância, quanto ao papel desempenhado pelo pai no fato de a mãe não ter o falo. Esse momento nunca é elidido (Lacan, 1999 [1957-58], p.191).

No momento da dialética do ser ou não ser o falo o pai já intervém efetivamente, mas foi possível deixá-lo de lado (...). Mas, a partir de agora (...) somos forçados a fazê-lo entrar em consideração (...). É como personagem real, revestido desse símbolo que ele passa então a intervir efetivamente (...) (*Ibid.*, p. 193)

O terceiro tempo é este: o pai pode dar à mãe o que ela deseja e pode dar porque o possui. Aqui intervém, portanto, a existência da potência no sentido genital da palavra – digamos que o pai é um pai potente. Por causa disso, a relação da mãe com o pai torna a passar *para o plano real* (Grifo nosso. *Ibid.*, p. 200).

Consideramos, portanto, legítimo afirmar que há um duplo movimento: de um lado Lacan procura retirar da teoria a importância conferida a aspectos puramente fenomenológicos, e que ele considera que dão margem a imprecisões teóricas, mas, por outro lado, ele chama a atenção para a importância da maneira como as funções serão efetivamente exercidas.

O Nome-do-Pai é o significante que articula a lei, em termos freudianos ele equívale ao pai morto, ou seja, àquele que “autoriza o texto da lei, isto é, o pai simbólico” (Lacan, 1999 [1957-58], p.152). O essencial é que o sujeito tenha adquirido essa dimensão do pai, a dimensão de sua lei, lei simbólica. O Nome-do-Pai depura as relações míticas do complexo de Édipo para apreender o que elas têm de estrutural, ele é o que vem em lugar do desejo da mãe. Trata-se de uma

substituição, de uma metáfora, a metáfora paterna. Por que o emprego do termo metáfora para designar o pai? Porque o pai é, justamente, o que vem no lugar de alguma outra coisa.

De que se trata a metáfora paterna? Há, propriamente, no que foi constituído por uma simbolização primordial entre a criança e a mãe, a colocação substitutiva do pai como símbolo, ou significante, no lugar da mãe. Veremos o que quer dizer esse *no lugar da*, que constitui o ponto axial, o nervo motor, a essência do progresso representado pelo complexo de Édipo (Lacan, 1999 [1957-58], p. 186).

A essência da metáfora paterna consiste na triangulação mãe-pai-criança. O pai é o terceiro que vem barrar o desejo materno junto à criança, é o que nomeia o para-além do desejo da mãe, é o que impede que a criança permaneça no lugar de objeto do desejo materno. Esse para-além do desejo materno, esse algo mais que a mãe quer e que a criança não consegue satisfazer é, justamente, toda a existência simbólica que existe por trás da mãe e da qual ela depende.

A substituição implicada na metáfora paterna é, justamente, o que produz uma significação fálica (Julien, 1999, p. 36). O objeto em questão é o falo, “marcado pela necessidade instaurada pelo sistema simbólico” (Lacan, 1999 [1957-58], p. 189) e só ocupa esse lugar central na dialética do desejo porque, a partir da lógica adotada neste raciocínio, ele é o objeto privilegiado na ordem simbólica.

O pai é quem nomeia esse mais-além do desejo materno, ou seja, há uma superposição metafórica entre falo e Nome-do-Pai. O Nome-do-Pai vai remeter o desejo materno, matizado por suas vontades desmesuradas e por seus caprichos, ao campo da lei. O problema da carência paterna diz respeito ao lugar do pai nessa triangulação.

(...) o pai, como aquele que priva a mãe do objeto de seu desejo, a saber, o objeto fálico, desempenha um papel absolutamente essencial (...) em qualquer neurose e em todo o desenrolar, por mais fácil e mais normal que seja, do complexo de Édipo. Vocês sempre constatarão, na experiência, que o sujeito posicionou-se de uma certa maneira, num momento de sua infância, quanto ao

papel desempenhado pelo pai no fato de a mãe não ter o falo. Esse momento nunca é elidido (Lacan, 1999 [1957-58], p.190-91).

Está aí toda a importância conferida ao pai. A impossibilidade da satisfação plena da mãe com o filho, ou seja, a falta fundamental, tem, nesse momento do ensino de Lacan, o nome de pai. No capítulo 4 veremos Lacan colocar isso em questão no *Seminário 17*.

Há, então, na relação mãe-filho um para-além que se chama pai. Esse lugar do pai junto ao desejo da mãe, que está muito bem localizado e ressaltado no ensino de Lacan, não o encontramos tão explícito nos textos freudianos sobre a sexualidade feminina. Em Freud há, inclusive, passagens que levam à conclusão de que a mãe se satisfaz plenamente na relação com seu filho homem e, aí, é como se o papel do pai ficasse elidido.

A mãe somente obtém satisfação sem limites na sua relação com seu filho menino; este é, sem exceção, o mais perfeito, o mais livre de ambivalência de todos os relacionamentos. Uma mãe pode transferir para o seu filho aquela ambição que teve de suprimir em si mesma, e dele esperar a satisfação de tudo aquilo que nela restou do seu complexo de masculinidade. Um casamento não se torna seguro enquanto a esposa não conseguir tornar seu marido também seu filho, e agir com relação a ele como uma mãe (Grifo nosso. Freud, 1976 [1932-1933] p. 165-166).

É claro que num primeiro momento do Édipo o que encontramos é da ordem de uma captação imaginária entre mãe e filho. Neste momento o que é buscado pela criança é ser o objeto de desejo da mãe. Tudo o que a criança quer é ser o falo para a mãe, ela está aí identificada ao falo. O pai aparece veladamente, a criança, como diz Lacan, “pesca” disso apenas o resultado.

Essa é a etapa fálica primitiva, aquela em que a metáfora paterna age por si, uma vez que a primazia do falo já está instaurada no mundo pela existência do símbolo do discurso e da lei. Mas a criança só pesca o resultado. Para agradar a mãe é suficiente ser o falo (Lacan, 1999 [1957-58], p. 198).

A mãe, por sua vez, extrai também dessa relação muita satisfação. No entanto, em Lacan, está mais visível que não se trata de uma “satisfação sem limites”. Ele insiste que há algo que escapa. Entretanto, esse algo, que diz respeito à função do pai, vai ficar mais explícito num segundo momento do Édipo, momento em que o pai entra enquanto privador do desejo da mãe. “O que significa que a demanda endereçada ao outro, caso transmitida como convém, será encaminhada a um tribunal superior.” (Lacan, 1999 [1957-58], p.198) Esse momento constitui a chave do Édipo e tem a ver com o papel desempenhado pelo pai junto ao desejo da mãe. É aí que o Nome-do-Pai vem substituir o desejo da mãe. O pai aparece, aí, numa dupla vertente (Dor, 1989, p.85): do lado da criança ele se apresenta como aquele que “tem o direito” junto à mãe e, diante desta, ele representa aquele que irá barrar os seus caprichos.

Há, por último, o terceiro momento, que diz respeito à saída do Édipo. O pai aparece aí como um pai potente, que dá provas de que tem o falo, é quando o pai tem que manter a promessa de dar o falo, já que o possui. É por possuir o falo que o pai se faz preferir junto à criança em detrimento da mãe. E é a partir daí também, que começa a dessimetria entre o Édipo dos meninos e o das meninas, pois neste momento o menino sai do Édipo e a menina entra nele.

É na medida em que o pai se torna um objeto preferível à mãe, seja por que vertente for, pelo lado da força ou pelo lado da fraqueza, que pode estabelecer-se a identificação final. (...) é aí que se centra a questão da diferença do efeito do complexo no menino e na menina (Lacan, 1999 [1957-58], p.178-179).

Lacan, assim como Freud, coloca que o desfecho do Édipo é mais simples nas meninas que nos meninos porque às primeiras compete apenas dirigir-se àquele que possui o falo, ou seja, o pai. Já para os meninos a questão é mais delicada, eles estão diante de uma ameaça dirigida a um órgão que lhes é muito caro e se vêem diante da decisão crucial de abrir mão do uso imediato desse órgão para poderem preservá-lo e usá-lo depois. Entretanto, se a solução das meninas, por um lado, é mais simples, por outro lado nunca é tão bem resolvida quanto a dos meninos.

Para a menina, esse resultado é totalmente admissível e gerador de conformidade, embora nunca seja completamente atingido, pois *sempre lhe fica um amargo na boca*, ao qual se dá o nome de *Penisneid*, prova de que isso não funciona de maneira realmente rigorosa (Grifo nosso. Lacan, 1999 [1957-58], p.179).

Não há dúvida de que a menina se sai mal. O menino é obrigado a abrir mão do falo, mas só por um tempo, já que ele tem o seu “título de posse guardado no bolso” e poderá vir a utilizá-lo em seu devido tempo (Lacan, 1999 [1957-58], p. 212). Já a menina, vai sempre ficar com o “amargo” da inveja do pênis. A ameaça de castração, por mais terrível que seja, parece guardar um destino melhor para os meninos, ao passo que, a menina, se não sofre suas provações, também não colhe seus frutos. Ela paga o alto preço de ficar eternamente na inveja do pênis, de não sair nunca completamente do Édipo, de ficar sempre na dependência do amor do outro. Em consequência disso, as mulheres se tornam mais egoístas, mais guiadas por imperativos pessoais, mais narcisistas e menos afeitas às regras sociais (Freud, 1933).

Em certos momentos de seus escritos, Freud assume um tom singularmente misógino para se queixar amargamente da grande dificuldade que existe, ao menos para certos sujeitos femininos, em mobilizá-las, fazê-las sair de uma espécie de moral, como ele diz, *de sopa com bolinhos*, que comporta exigências muito imperiosas quanto às satisfações a usufruir, por exemplo, da própria análise (Grifo do autor. Lacan, 1995 [1956-57], p. 208).

Por mais que a mulher também passe pela castração, que é o terreno da dívida simbólica, o terreno da lei, ela está sempre mais referida ao que é da ordem da frustração que o homem, pois faz diferença, no que diz respeito à frustração, o fato de o sujeito ter ou não recebido o dom de amor. Parece que o fato de os homens terem recebido o dom de amor na forma do falo, faz com que eles possam abandonar de maneira mais bem sucedida o campo das reivindicações, enquanto que as mulheres ficam mais vinculadas a este terreno. É como se o homem, ao precisar abrir mão do objeto amoroso, devido ao confronto com a lei paterna,

aceite fazê-lo mais facilmente devido ao título de garantia que leva no bolso, ou seja, ele pode perder agora para ganhar depois.

Já a mulher, não é que ela não tenha complexo de castração, ela o tem, já nos disse Freud (1933) e o reafirma Lacan, mas não passa por ele de forma tão eficaz quanto o homem. Já que ela não ganhou o falo da mãe, então, o que terá a perder para entrar na lei? Freud nos diz que é o amor, por isso ela é tão dependente do outro, por isso a sua moral é tão pessoal, por isso é tão narcísica. Ela passa o tempo todo reivindicando o que não tem como se lhe pertencesse por direito e como se tivesse sido lesada por não ter sido agraciada com o falo. E é graças a essa frustração que a mulher entra no Édipo, ao mesmo tempo em que é isso o que caracteriza a posição feminina². É assim em Freud, é assim no Lacan dos *Seminários* que estamos tratando.

É na decepção que Freud vê a mola da entrada da menina na posição feminina. A saída de sua fase fálica é gerada por essa decepção, um desvio que a seus olhos se fundamenta, no entanto, num mecanismo natural, e é nesse momento, diz ele, que o complexo de Édipo desempenha o papel normativo que tem de desempenhar (...) (Lacan, 1999 [1957-58], p.287-288).

Chega-se à posição feminina na medida em que a decepção consegue, mediante uma série de transformações e equivalências, fazer brotar do sujeito uma demanda, dirigida ao personagem paterno, de que lhe seja dada alguma coisa que realize seu desejo (*Ibid.*, p. 295).

Para concluir, podemos afirmar que, a partir de Freud e do primeiro Lacan, a feminilidade comporta uma cota considerável de decepção e de inveja devido ao fato de a mulher não possuir o falo, e a solução para esses impasses reside no pai. Veremos nos capítulos finais como serão encaminhadas tais questões a partir das elaborações teóricas de Lacan e de autores como Birman, Nunes, Neri e Arán, tendo sempre como pano de fundo as transformações em torno do pai e da importância do falo para a sexualidade feminina.

² Sobre a relação privilegiada da mulher com a frustração ver Utchitel, 1996.